

O DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO DE VILA VERDE ATRAVÉS DA CRIAÇÃO DA ROTA DOS MOINHOS

Delfina Vivas VILELA

,Universidade do Minho, Portugal

delfinavilela92@gmail.com

Paula Cristina Almeida Cadima REMOALDO

Universidade do Minho, Portugal

premoaldo@geografia.uminho.pt

Resumo

O turismo é uma atividade importante nas estratégias de desenvolvimento local pressupondo a aposta nos recursos endógenos de cada território. Associado a este aspeto, a criação de uma rota de moinhos pode conduzir, de forma mais sustentada, ao desenvolvimento turístico de municípios como o de Vila Verde (Noroeste de Portugal). No presente capítulo é abordada a proposta de criação de uma rota de moinhos neste município, sendo caracterizados os moinhos existentes e é analisada a perceção de atores locais sobre a criação de uma rota. De acordo com os resultados, é possível concluir que o desenvolvimento do município sairia valorizado com a criação, a curto ou médio prazo, desta rota.

Palavras-Chave: Moinhos, Rota, Desenvolvimento Turístico, Vila Verde.

Abstract

Tourism is an important activity in local development strategies. Endogenous resources are, in its turn, also important allowing to take advantage from the tourism activity. Associated to this we need to take into consideration that the creation of a route of mills could lead in a more sustainable way to the tourism development of the municipality of Vila Verde (Northwest of Portugal). This chapter focus on the creation of a route of mills in the municipality of Vila Verde. It was done a study of the main characteristics of the mills and are evaluated the perceptions of local actors regarding the creation of the route. The results make us conclude that the development of the municipality would benefit, in a short of longer period, with the establishment on the route of mills.

Keywords: Mills, Route, Tourism Development, Vila Verde.

Introdução

O turismo é considerado como uma das principais atividades económicas e sociais a nível mundial, recebendo *inputs* do contexto económico, social, cultural e ambiental, que podem tornar-se num fator positivo para o desenvolvimento dos territórios.

O presente capítulo tem como objetivo principal contribuir para o desenvolvimento mais sustentável da atividade turística no município de Vila Verde (Noroeste de Portugal), centrando-se na apresentação da proposta de criação de uma rota dos moinhos. Esta rota poderá funcionar como promotora do património etnológico podendo os moinhos, juntamente com outros recursos do município, ser transformados num produto turístico e estratégico.

Segundo Vitorino (2012), é importante compreender a importância dos moinhos, mas também perceber o valor patrimonial destes em cada município, assim como a sua autenticidade e as dinâmicas territoriais que se encontram alicerçadas na cultura e identidade rural.

Ao associarmos o turismo aos moinhos fazemo-lo num contexto de relação económica. Ainda assim, é importante reter que os moinhos como fator dinamizador do turismo nem sempre foram tidos em conta, pois na sua origem estava o sustento das famílias e também a venda dos produtos originários da moagem.

Os estudos sobre moinhos são poucos e grande parte dos nacionais aparecem relacionados com a engenharia, na vertente da sua recuperação. Ainda assim pode-se destacar o estudo de Fernando Galhano (1978) para a compreensão desta temática.

Para atingir os objetivos definidos estruturámos o presente capítulo em sete *ítems*. No primeiro é recordado o papel fundamental que o turismo assume na dinamização dos territórios, ressaltando a evolução da atividade turística e alguns aspetos que lhe estão subjacentes. Seguidamente é apresentada a metodologia utilizada na investigação, realizada nos anos de 2014 e 2015. Relativamente às fontes primárias usadas na investigação sobressai um inquérito por entrevista, que foi aplicado a dois atores locais em 2015: o Presidente da Direção da ATAHCA e o Presidente da Câmara Municipal de Vila Verde. O terceiro *item* preocupa-se com uma breve caracterização do município em estudo, seguindo-se o quarto que ressalta as principais características dos moinhos existentes e a expressão que têm em Vila Verde. No *item* seguinte são analisadas as perceções dos dois atores locais. Por último, é avançada a proposta da criação de uma rota de moinhos e são esboçadas as principais conclusões.

Concluimos que a criação da rota dos moinhos seria uma mais-valia, em termos económicos e sociais, para o município. Esperamos que o presente capítulo, que é de carácter exploratório, sirva de estímulo a futuros estudos, com o objetivo fulcral da preservação do património molinológico que tende a perder-se insistentemente devido, entre outros aspetos, à sua constante degradação. Desta forma, esperamos que o espólio molinológico existente em algumas regiões portuguesas seja reconhecido e valorizado.

1. A atividade turística e a sua evolução

O conceito de turismo assume-se como abrangente e complexo e está reiteradamente em construção. Em 1994, o Instituto Nacional de Estatística, definiu turismo como um conceito que se centra nas viagens que se realizam para fora da residência habitual, por mais de 24 horas e inferior a um ano, por motivos de lazer. Um conceito mais recente é o de Cunha (2009: 29), que assume o turismo como “um conjunto de relações e fenómenos originados pela deslocação e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocações e permanências não sejam utilizadas para exercício de uma atividade lucrativa principal”.

Segundo Cisne e Gastal (2010), o turismo tem sofrido uma significativa evolução ao longo dos séculos, destacando-se três períodos: o da idade clássica (até ao século XVIII), o da idade moderna (do século XVIII ao século XIX) e o da idade contemporânea (do século XX ao XXI). Esta divisão em três períodos é razoavelmente consensual (e.g., Pereira, 2014).

Na idade clássica as viagens eram concretizadas, fundamentalmente, por razões de peregrinação ou por necessidade de comércio e caracterizavam-se por serem realizadas de forma individual. Na idade moderna as viagens passaram a ser realizadas por motivos de recreio, mas apenas para os grupos populacionais mais abastados, de forma a aumentar os conhecimentos e as experiências. Por último, na idade contemporânea, o turismo surge como uma atividade económica de destaque, devido ao reconhecimento de férias pagas e ao desenvolvimento dos transportes, mas só se consolida após a fase de progresso económico e social, a partir dos anos 50 do século XX.

O desenvolvimento significativo da atividade turística ocorre com o direito a férias remuneradas e a necessidade de descanso e tempo livre, traduzindo-se numa massificação da atividade, com particular destaque para o segmento de “sol e mar”. Segundo Silvano (2006), esta atividade começou a ser encarada como um fenómeno social com o desenvolvimento do turismo de massas no século XX. Dessa forma, o turismo deixou de ser analisado somente pelos seus efeitos económicos.

Alguns destinos turísticos tornaram-se lugares frequentes de visita, transformando-se em destinos saturados, fazendo com que os turistas procurassem locais diferentes, e o contato com a natureza, o património, a cultura e a tradição saíram privilegiados. Nos dias de hoje assiste-se a uma tentativa para que o turismo seja de qualidade, associando-se, por exemplo, a locais com características únicas e que permitam experiências irrepetíveis. O papel do turista também tem evoluído ao longo dos tempos, possuindo atualmente critérios mais exigentes na avaliação dos locais que visita.

Em Portugal os principais destinos turísticos atuais, reconhecidos internacionalmente, são o resultado do início da atividade, de forma mais sustentada, a partir dos anos de 1960. Atualmente o país apresenta-se como um país rico em experiências, mesmo que as estadias sejam de curta duração. Segundo Cadima Ribeiro *et al.* (2001), a diversificação e desconcentração do turismo é essencial, aproveitando o potencial oferecido pelas regiões e usando determinados produtos turísticos que sejam alternativos.

A Resolução do Conselho de Ministros, nº 97/2003, de 1 de Agosto, refere que é necessário “promover uma utilização racional, cuidada e sustentável dos recursos naturais, das áreas, do património histórico e arquitetónico e das infraestruturas e equipamentos disponíveis para fins turísticos”. Este aspeto é importante na medida em que é necessário que o turismo seja desenvolvido de forma sustentável.

Na era em que vivemos, o mundo rural vai perdendo a função produtiva, assim como os seus habitantes vão decrescendo em número. Numa tentativa de inverter este processo, alguns agentes locais tentam promover essas regiões. A Lei de Bases da Política de Ordenamento do Território e Urbanismo (Lei n.º 48/98, de 11 de Agosto) define que os quatro grandes problemas relacionados com os espaços rurais são: o despovoamento, as débeis oportunidades de emprego, a edificação dispersa e as paisagens.

Segundo Kastenholtz (1999), esta atividade corresponde a um dos mais importantes setores na economia portuguesa, defendendo que o turismo em áreas rurais provou deter um interesse crescente para o mercado português. A autora menciona a necessidade da elaboração de uma estratégia de desenvolvimento para o turismo rural, tendo em consideração o seu potencial económico e sociocultural, de forma a compreender as necessidades e desejos do mercado, para que os turistas valorizem aspetos diferentes nas suas experiências de férias. Não esqueçamos que atividade turística em áreas enfraquecidas pode ser apresentada como complementar ou alternativa à atividade agrícola, já que esta tem verificado um acentuado declínio, mas não se pode apresentar como solução para todos os problemas que se enfrentam estas áreas.

De acordo com Hall (2000), citado por Vitorino (2012: 10), “(...) se a sustentabilidade dos locais (destinos) é um objetivo do planeamento em turismo, então este planeamento deve ser um processo que abrange não só o governo, a indústria e a satisfação do turista, mas deve alargar-se à noção de *stakeholders*, incluindo a comunidade local e o interesse público”. Esta perspetiva permite-nos compreender que o turismo não pode ser visto como um elemento único, mas sim como um conjunto de vários componentes ligados entre si.

As Estatísticas do Turismo 2013 (I.N.E., 2014) demonstram que, nesse ano, a atividade turística apresentou uma evolução globalmente positiva e também refletem o crescimento do Turismo em Espaço Rural num passado recente (2000-2007). A principal razão para estas deslocações era o “Lazer, recreio ou férias” e proporcionou que cerca de 2,5 milhões de pessoas viajassem no ano de 2013. Relativamente à caracterização da procura, o registo de hóspedes apresenta-se de forma desigual. Ainda assim, é possível aferir que, entre 2003 e 2007, o número de dormidas por estabelecimento aumentou significativamente (cerca de 30%). Acresce que segundo as Estatísticas do Turismo 2013 (I.N.E., 2014) os hóspedes são sobretudo residentes em Portugal.

Analisando os dados do Instituto Nacional de Estatística (2014) por NUTS III, referentes a 2013, e considerando apenas a região Norte, percebe-se que na região do Cávado (onde se

insere o município de Vila Verde) registaram-se 468 403 dormidas em estabelecimentos hoteleiros, ficando desta forma em segundo lugar, precedido pela região do Grande Porto. No que concerne à proporção de hóspedes estrangeiros a NUTS III Cávado apresenta-se em quinto lugar, das oito inscritas do Norte de Portugal.

É importante reter que “A instabilidade económica e financeira da Europa – que gera mais de 85% das dormidas internacionais em Portugal – e a evolução do PIB, emprego e rendimento disponível, aconselha, também, maior prudência na projeção dos fluxos turísticos” (MEE, 2012: 2).

2. Metodologia

A metodologia aplicada na investigação desenvolvida baseou-se em fontes primárias e fontes secundárias. Como fontes primárias utilizámos o inquérito por entrevista, que foi aplicado em janeiro de 2015 a dois agentes locais que considerámos como elementos representativos e conhecedores da realidade do município: o Presidente da Associação de Desenvolvimento das Terras Altas do Homem, Cávado e Ave (ATAHCA) e o Presidente da Câmara Municipal de Vila Verde. A duração da entrevista semiestruturada demorou, em média, uma hora. Este tipo de fonte primária foi utilizada essencialmente para compreendermos a perceção que estes agentes locais têm sobre os moinhos do município, da forma como têm sido divulgados e sobre a eventual criação da rota dos moinhos.

As fontes secundárias relacionaram-se com uma análise bibliográfica de vários autores. No que concerne ao turismo, a bibliografia é extensa e variada, mas a bibliografia referente aos moinhos é ainda reduzida e incide sobretudo na reconstrução dos moinhos e não propriamente sobre a sua caracterização.

No início do século XXI (2007) a ATAHCA realizou um levantamento do património existente no município de Vila Verde, estando os moinhos entre o espólio diagnosticado. Os dados desse levantamento são recordados no *item 4* deste capítulo. Ainda assim, deve-se ter em consideração o facto de este levantamento não ter sido publicado, mas apenas usado para trabalhos da associação.

3. Vila Verde: um município com potencialidades?

Vila Verde é um município do distrito de Braga que pertence à sub-região do Cávado. Está subdividido em trinta e três freguesias (Figura 1).

A Norte é limitado pelo concelho de Ponte da Barca, a Este por Terras de Bouro, a Sudeste por Amares, a Sul por Braga, a Sudoeste por Barcelos e a Oeste por Ponte de Lima. A sua área é de 230 km² e a população era, de acordo com o último Censo de 2011, de 47.888 habitantes (I.N.E., 2012), sendo que, desde 1864 até à atualidade, se tem assistido ao crescimento gradual da sua população, revelando alguma vitalidade populacional.

Segundo Durand (2004), o concelho apresenta feições agrícolas, sendo que, para a sua fertilização contribuem os muitos cursos de água que o atravessam em várias direções. As atividades agrícola e pecuária são as que mais se destacam na economia local. Por seu lado, o vinho verde é o produto que merece maior destaque, sendo que os solos férteis apresentam características favoráveis ao seu cultivo. No que se refere à atividade industrial, esta é residual, mas inclui produção do mais variado artesanato.

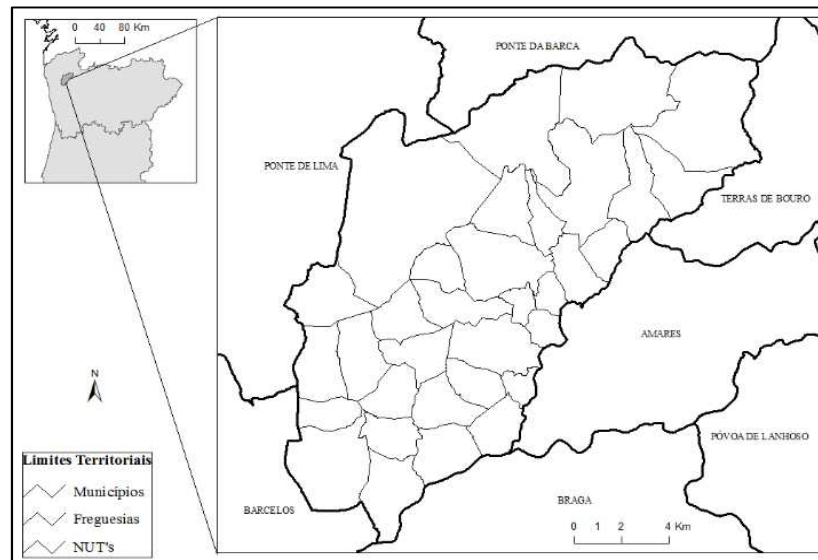


Figura 1 – Enquadramento geográfico de Vila Verde
Fonte: elaboração própria – CAOP 2014.

Relativamente ao património edificado destaca-se o Museu Terras de Regalados, que reúne o espólio de arte sacra da paróquia da Vila de Pico de Regalados, o Museu do Linho, onde é possível observar os diversos instrumentos de trabalho e peças elaboradas em linho, a Igreja de Coucieiro, datada do século XII com características românicas e o Santuário de Nossa Senhora do Alívio.

Em termos de património imaterial, os Lenços dos Namorados são o *ex-libris* do concelho (www.cm-vilaverde.pt). Por último, refira-se ainda que Vila Verde possui um vasto património, que se traduz em vários aspetos, destacando-se as paisagens verdejantes, os rios (já referidos anteriormente), a gastronomia tradicional (pudim Abade de Priscos) e o artesanato. O património natural proporciona inúmeras atividades de lazer. Neste contexto, enquanto os rios Cávado e Homem são as principais linhas de água que atravessam o concelho permitem a prática de várias atividades, destacando-se a canoagem e a pesca desportiva, nas áreas ribeirinhas do município sobressai a praia fluvial do Faial na Vila de Prado e em Aboim da Nóbrega, o Fojo do Lobo (onde existe um percurso pedestre), para além da fonte de Dente Santo, Mixões da Serra, a Casa da Pequenina e as Cabanas.

4. Caraterísticas gerais dos moinhos existentes em Vila Verde

A escolha do estudo dos moinhos tem subjacente o intuito de tentar valorizar o património rural do município de Vila Verde. A recuperação dos moinhos (tem de se executar um correto restauro para que não se verifique uma descaraterização do moinho), bem como da sua área envolvente, visa a criação de uma rota dos moinhos, o que poderá contribuir para a dinamização do concelho e para a sensibilização das populações e dos visitantes que observarão a riqueza e importância do património natural e rural. Os visitantes podem usufruir do sossego da montanha e ainda têm a possibilidade de realizar passeios pedestres (são já várias as rotas existentes e estão bem definidas) e passeios equestres.

O município detém várias potencialidades, pois oferece uma grande riqueza e diversidade de património cultural, natural e histórico, que sendo aproveitados sob a forma de turismo, podem vir a revelar-se como uma alavanca para o desenvolvimento do concelho.

Segundo Macedo (2010) as primeiras construções dos moinhos surgem em 85 a.C. Os moinhos primitivos utilizavam a força humana como força motriz, aparecendo de seguida os moinhos em que o mover das mós se fazia através de animais e, por último, surgem os cinco tipos de moinhos atuais. Os primeiros sistemas mecânicos de moagem surgem com a Revolução Industrial no século XIX, o que originou o abandono dos moinhos.

Segundo Galhano (1978) e comprovado mais recentemente pelo Presidente da Direção da ATAHCA, José Mota Alves, em entrevista realizada em Dezembro de 2014, os moinhos assumem em Portugal cinco tipologias: moinhos de rodízio, moinhos de dorna, moinhos de vento, moinhos de maré e moinhos de roda vertical. Destes cinco tipos de moinhos, apenas não existe o moinho de maré e de vento no município de Vila Verde. Os moinhos têm a sua componente histórica e uma grande diversidade, destacando-se a moagem de cereais, fundamental na vida da população residente, e de forma pontual também a produção de azeite. Contudo, na atualidade, estes são vistos como um elemento fundamental na produção de energia (favorecendo o aparecimento de micro-hídricas). Ainda segundo o Presidente da Direção da ATAHCA, tal afigura-se como um fator positivo, na medida em que não existe a necessidade de alteração dos cursos de água e é assegurada a manutenção dos açudes, que servem para reter, elevar e desviar a água dos rios e para a conduzir, através da levada ao moinho. Permite ainda a oxigenação da água e, por sua vez, melhora a qualidade desta, proporcionando o aumento da fauna e da flora aquífera. No município, a interligação desta cadeia, possibilita a criação e o desenvolvimento da truta (das espécies arco-íris e fário), assegurando também a manutenção dos ecossistemas.

No passado, os moinhos permitiram um grande desenvolvimento económico, estando na sua maioria associados a atividades primárias, pelo que se assumiram como a simbiose entre o aproveitamento das águas e a paisagem. A partir dos anos de 1960, a atividade ligada aos moinhos sofreu grandes alterações devido à introdução das moagens industriais. Como consequência, verificou-se um progressivo abandono dos moinhos, encontrando-se, grande

parte deles, atualmente, em elevado estado de degradação. Com efeito, o decair dos processos tradicionais e, conseqüentemente, a moagem puseram em risco o próprio sistema, perdendo as suas funções.

Hoje em dia os moinhos são encarados como um património etnológico que deve ser preservado. Associados aos moinhos temos, geralmente, os espigueiros, os canastos e as eiras, mas também os trabalhos agrícolas, o que proporciona a existência de ritos, como por exemplo o lavar, o semear e a colheita dos produtos agrícolas e que estão ligados ao ciclo de transformação dos cereais. Trata-se de uma cadeia que relaciona vários aspetos característicos do mundo rural e que podem travar o despovoamento.

Segundo Martins e Souto (2001), os moinhos são construções de pequenas dimensões, de formas toscas e rudimentares, em alvenaria de granito, com cobertura de duas águas em telha ou sendo raros os exemplos, de colmo. O soalho geralmente é feito de pedras grandes encaixadas nas paredes, com a adaptação de um par de mós, ligadas através de um eixo a uma roda horizontal movida a água, representando uma das técnicas mais evoluídas de moagem e uma forma de aproveitamento de energia limpa e renovável (Martins e Souto, 2001).



Figura 2 – Azenha e roda vertical movida a água no município de Vila Verde

Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.380785018639239.115886.149065925144484&type=3> – Acedido em Dezembro 2015.

Encontram-se implantados próximo de linhas de água, em terrenos declivosos. A configuração do terreno permite a formação de dois níveis: o superior, onde está localizada uma só moenda e onde o moleiro trabalha, e o inferior, o cabouco, onde está o rodízio, junto à levada ou ao caudal do rio. A água é orientada através de uma levada, que desce do monte e é conduzida para um dispositivo vertical de acumulação de água - o cubo (peça de madeira que leva a água ao rodízio), construído na maioria das vezes, em granito e com forma cilíndrica, que permite que a água ganhe pressão suficiente, para melhor movimentar o rodízio, e conseqüentemente, aumentar a produtividade. É também importante referir os moinhos de consortes, que se relacionam com o uso da água para rega dos campos agrícolas.

A utilização dos moinhos e os produtos que daí surgem são essencialmente para consumo próprio, sendo que algumas destas construções são de particulares e outras de consortes. O seu número varia com o maior ou menor número de habitantes e com a dinâmica da atividade agrícola. Paralelamente aos acessos existentes, permanecem os açudes e as levadas, de caudal rápido e pouco volumoso, mas indispensáveis ao funcionamento dos moinhos. As condições dos terrenos declivosos em Aboim da Nóbrega consentem a instalação de moinhos em cadeia, alimentados por uma levada, sendo estes em maior número do que os moinhos instalados em açudes.



Figura 3 – Exemplo exterior e interior de um moinho

Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.959292950788440.1073741969.149065925144484&type=3> - Acedido em Dezembro 2015.

No rés-do-chão do moinho existe uma plataforma em alvenaria, com cerca de 80 centímetros de altura, onde estão assentes os mecanismos indispensáveis ao funcionamento do moinho (Quadro 1).

Quadro I – Mecanismos elementares ao funcionamento do moinho

| Mecanismos | Descrição |
|--------------------------|--|
| Mós | A mó fixa é a que está assente na plataforma e é convexa; a mó giratória fica por cima e é ligeiramente côncava. |
| Moega | É uma caixa de madeira, em forma de funil retangular onde é deitado o cereal. Pelo fundo do orifício cai o cereal para moer, que posteriormente cai na quelha. |
| Caleira ou quelha | É em madeira e tem um sistema de suspensão ligado à moega. É nela que vão cair os grãos vindos do orifício da moega, os quais, perante a vibração que lhe transmite o chamadouro, vão deslizando para a frente até cair no olho da mó giratória. |
| Chamadouro | É um pedaço de madeira, geralmente de carvalho, onde a meio é feita uma cavidade para encaixe da ponta de um outro pau formando uma peça semelhante à figura de um “T”. |

Fonte: Elaboração própria com base em ATAHCA (2007).

Macedo (2010) defende que, no que diz respeito ao funcionamento de um moinho, este divide-se em três fases distintas: na primeira, a captação de energia, em que se capta a energia eólica ou hídrica através das velas ou do rodízio; na segunda, a transformação de energia, que só ocorre nos moinhos de vento, que se baseia em transformar um movimento horizontal num movimento vertical; e na terceira, a produção de energia, em que as mós usam a rotação transmitida pelo eixo para moer.

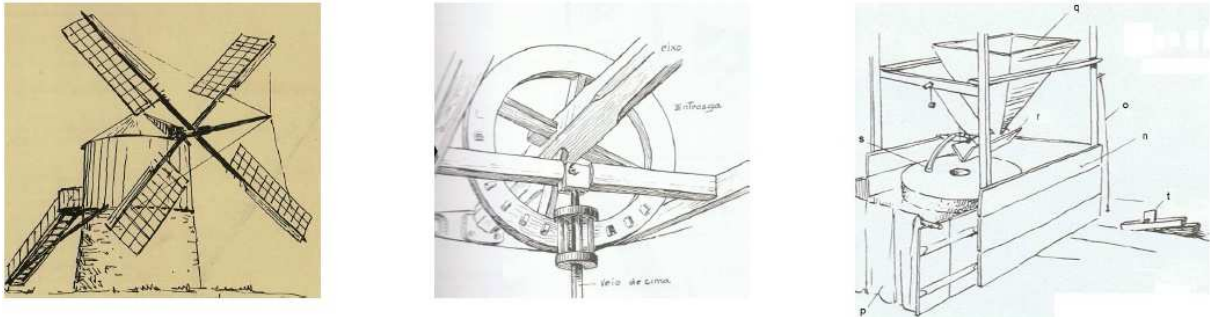


Figura 4 – Cadeia operatória de um moinho de vento
Fonte: Galhano, 1978.

O mesmo autor refere que quanto à força motriz utilizada, os moinhos são classificados como: moinhos a sangue, cuja força motriz é a força humana; atafonas, cuja força motriz são os animais; moinhos de água/azenhas, cuja força motriz é a água; e moinhos de vento, cuja força motriz é o vento.

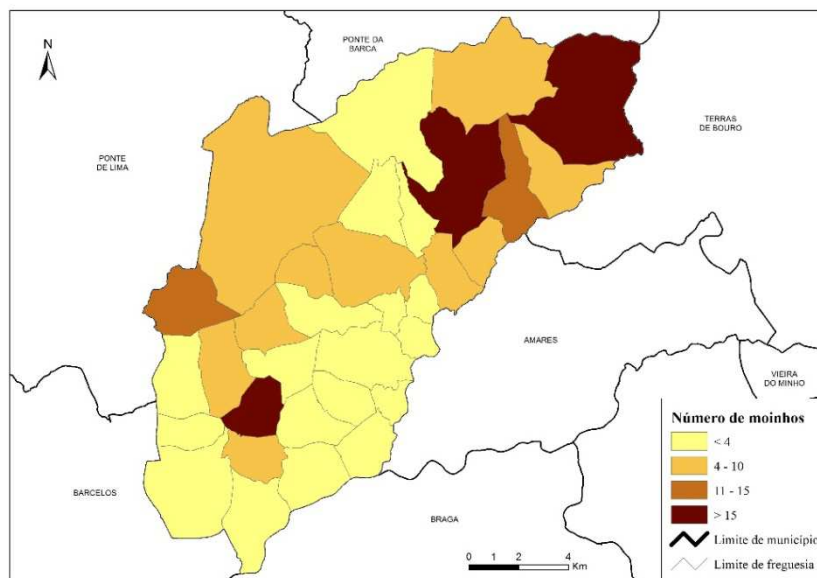


Figura 5 - Distribuição dos moinhos no município de Vila Verde em 2007
Fonte: Elaboração própria com base em ATAHCA, 2007.

No município em estudo existem, segundo o estudo já mencionado da ATAHCA e cujo trabalho de campo decorreu em 2007, 176 moinhos. Ainda assim, foi-nos confirmado que não estão todos contabilizados, estimando-se que existam aproximadamente 400. Esta afirmação baseia-se nas entrevistas ao Presidente da Direção da ATAHCA e ao Presidente da Câmara Municipal

de Vila Verde, realizadas em janeiro de 2015. Na Figura 5 está representada a distribuição dos moinhos pelas 33 freguesias de Vila Verde, podendo-se concluir que todas as freguesias possuem espólio desta natureza, com particular destaque (mais de 15 moinhos) para as freguesias de Valdreu, a União de Freguesias de Sande, Vilarinho, Barros e Gomide e a freguesia de Atiães.

Os moinhos, também segundo dados da ATAHCA (2007), estão classificados por estado de conservação, como se pode verificar na Figura 6. Assim sendo, 97 moinhos estão classificados como estando em mau estado de conservação, 27 como estando em fraco estado de conservação, 29 como bom e 23 como razoável estado. O que poderá justificar este número tão elevado de moinhos em mau estado de conservação é o fato destes serem de proprietário desconhecido, ou terem mais do que um proprietário, dado que alguns foram transmitidos de forma oral, sem registo oficial, resultando num grande número de moinhos abandonados.

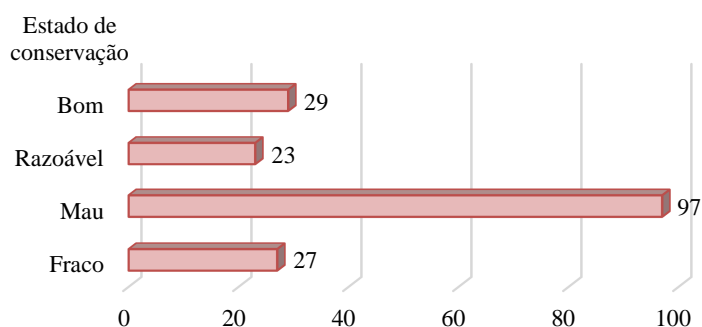


Figura 6 - Estado de conservação dos moinhos de Vila Verde em 2007
Fonte: Elaboração própria com base em ATAHCA, 2007.

5. Resultados do inquérito por entrevista

Como mencionámos anteriormente optou-se por recolher, em janeiro de 2015, a perceção de dois agentes locais, o Presidente da Direção da ATAHCA (Professor Mota Alves) e o Presidente da Câmara Municipal de Vila Verde (Dr. António Vilela), através de um inquérito por entrevista semiestruturada. Relativamente à primeira questão, das seis presentes no guião de entrevista, que tentava aferir a perceção em relação ao número de moinhos existentes no município, o Presidente da Direção da ATAHCA avançou um número próximo dos 400 moinhos, referindo que muitos deles se encontram num estado avançado de degradação, apresentando apenas as paredes exteriores e os instrumentos de moenga existem ocasionalmente. Referiu, ainda, que alguns moinhos têm sido recuperados, uns para espaço museológico e outros para a função que tinham inicialmente, a de moer cereais. Os moinhos situam-se essencialmente junto às margens do rio Cávado e do rio Homem.

Por seu turno, o Presidente da Câmara Municipal de Vila Verde teve mais dificuldade em referir o número exato de moinhos, avançando com um número que deve ultrapassar os 1000

moinhos, como resultado do levantamento realizado pela entidade que preside. Este resultado confirma a necessidade de se realizar um levantamento mais sistematizado do número de moinhos.

A segunda questão prendeu-se com a necessidade de aferir da importância dos moinhos para a paisagem de Vila Verde. O Diretor da ATAHCA considera-os muito importantes na paisagem, porque tiveram uma função económica e social destacadíssima no passado. Era importante a função económica, porque alguns moinhos tinham mesmo o estatuto de empresas de moagem, com documento emitido pela câmara municipal. Havia moinhos cujo moleiro fazia a recolha dos cereais e posteriormente a distribuição das farinhas, cobrando maquia (forma de pagamento) pelo seu trabalho de moagem. Referiu ainda que são elementos da etnografia minhota que devem ser preservados. Encontram-se junto de leitos de rio com águas que não são poluídas e com paisagens muito interessantes.

O Presidente da Câmara expressou a seguinte narrativa: “Claro que os moinhos são importantes. O município detém um plano de recuperação de moinhos, uns com a função que tradicionalmente tinham, que é a de moagem, outros com a função de produção de energia elétrica. No que se refere à energia elétrica, existe um projeto que visa a produção de energia elétrica a partir do aproveitamento dos moinhos.”

Quando questionámos sobre se os moinhos têm sido utilizados como elementos promocionais do município, segundo o Presidente da Direção da ATAHCA, alguns moinhos têm sido utilizados nesse sentido como elementos promocionais, já que parte deles estão já incluídos em percursos pedonais ou rotas. Na sua opinião, se a maioria dos moinhos fosse recuperada e se se criassem rotas temáticas à volta deles (sugere que sejam apelidadas, por exemplo, de “rota do milho”, “rota do pão”, “rota dos moinhos”) seria uma mais-valia para o desenvolvimento municipal. Ressaltou ainda que parte dos moinhos eram de grandes dimensões e tinham associados a eles lagares de azeite ou serrações de madeira. São construções com mais de 500 anos e ligados a casas e famílias importantes do município de Vila Verde.

Na ótica do presidente do município, apenas um número residual de moinhos tem sido utilizado como elemento promocional de Vila Verde. Existem alguns que estão transformados em alojamento turístico, mas ainda em número insuficiente para tirar partido dessas estruturas. É um património que deverá ser valorizado e no Plano Estratégico do Turismo os moinhos são apontados como elementos fundamentais na promoção do território e na definição de uma estratégia turística.

No que concerne à quarta questão, em que se perguntava se a rota dos moinhos seria importante para o desenvolvimento turístico de Vila Verde, apraz-nos salientar as seguintes narrativas:

- “Não há quaisquer dúvidas. Os moinhos têm localizações e paisagens magníficas, podendo levar os turistas a conhecer pontos do município de Vila Verde, que de outra forma não seria fácil motivá-los ou levá-los a esses locais. A rota dos moinhos podia ser complementada com outras áreas temáticas, tratando-se da preservação do nosso património, da nossa identidade,

da nossa cultura e é a preservação daquilo que fomos e daquilo que queremos ser, porque sem uma identidade forte não nos é possível desenvolver e crescer” (Presidente da Direção da ATAHCA);

- “No Plano Estratégico do Turismo já existe uma estratégia de criar rotas associadas ao património hídrico, tendo já sido feito um levantamento deste património do município e do vale do Cávado, com o objetivo claro de promover os moinhos e procurar que seja um estímulo para o desenvolvimento turístico” (Presidente da Câmara Municipal de Vila Verde).

Nas duas últimas questões, tentou-se aferir que tipo de apoio seria dado por parte das instituições a que presidiam os entrevistados, a uma possível rota dos moinhos. Esta questão foi complementada com o questionamento sobre a melhor estratégia a adotar na divulgação/promoção da mesma.

Como a ATAHCA apoiou ao longo dos últimos anos a recuperação de cerca de 20 moinhos, funcionando parte deles muito pontualmente, outros com normalidade e uns como espaço museológico, a resposta por parte do Diretor reflete o apoio já concedido por aquela instituição: “A recuperação foi feita com vista a incentivar outros proprietários a apresentar candidaturas. A melhor estratégia passa por criar pontos de interesse para o turismo interno e externo. É de todo o interesse divulgar e promover este produto turístico de excelência. Se a recuperação não for feita rapidamente, daqui a alguns anos não teremos pessoas que nos possam transmitir os conhecimentos adjacentes aos moinhos. Este “saber-fazer” pode traduzir-se numa enormíssima perda em termos culturais. (...) além da rota é imperativo o surgimento de um museu que representasse os constituintes fundamentais dos moinhos, assim como os elementos que lhe estão subjacentes” (Presidente da Direção da ATAHCA).

Por seu turno, o Presidente da Câmara Municipal considera ser lamentável até aos dias de hoje nenhum particular ter proposto a criação da rota dos moinhos: “Para haver uma rota consolidada é preciso que o património seja construído, e o que se está a fazer é a conservação das construções dos moinhos. Para que haja divulgação, os moinhos têm de estar recuperados. A promoção passa por criar rotas bem definidas, criar, em alguns casos, alojamentos turísticos e dar nota da beleza das paisagens e fazer com que eles possam ter a função histórica em alguns casos. No município existem várias potencialidades, quer dos moinhos quer do património, que estão associadas aos rios e à natureza” (Presidente da Câmara Municipal de Vila Verde).

Os dados recolhidos nas duas entrevistas realizadas permitem-nos concluir que há ainda muito a fazer relativamente aos moinhos no município de Vila Verde. Estes não têm merecido grande destaque pelas entidades competentes, denotando dificuldade em avaliar o seu número aproximado. É importante realçar que, apesar do número de moinhos no município ser elevado estes não se encontram em funcionamento e a maior parte está mesmo em estado avançado de degradação. Conclui-se que os moinhos são considerados elementos importantes na paisagem e que poderiam ser elementos promocionais do turismo em Vila Verde, sendo que a criação de uma rota seria fundamental para um maior desenvolvimento turístico do município.

6. Proposta da criação de uma rota

Caso a rota dos moinhos seja concretizada, poderá vir a funcionar como promotora do património molinológico do município, transformando-os assim num produto turístico, que se prevê que seja estratégico. Esta proposta poderá ser implementada a curto ou médio prazo. Os moinhos têm a possibilidade de serem transformados e desempenhando diversas funções, como a produção de energia eólica (moinhos de vento) ou o acolhimento de hóspedes em casas de turismo rural.

No estudo de caracterização do Turismo no Espaço Rural e do Turismo de Natureza em Portugal (Neves, 2008: 5) é afirmado que uma das medidas fundamentadas pelas políticas comunitárias é o “apoio a um produto turístico completo e diversificado, que valorize a diversidade de recursos endógenos existentes nas zonas rurais”. Na nossa ótica, este é um aspeto relevante, pois a criação da rota dos moinhos poderia ser apresentada como um produto turístico que proporcionasse o desenvolvimento sustentável de Vila Verde.

Na Figura 7 é apresentada a rede hidrográfica do município de Vila Verde. A cor azul-escura representa a futura rota dos moinhos, no rio Vade, sendo que da freguesia de Atães a Aboim da Nóbrega existem, de forma contínua, inúmeros moinhos. Este percurso seria realizado numa manhã ou numa tarde (duração de cerca de quatro horas) e caso iniciado de manhã, existiriam várias opções de restauração e monumentos para visitar da parte da tarde. Se a opção fosse começar o percurso no final de almoço, a oferta de restauração manter-se-ia e ainda se poderia acrescentar o alojamento diversificado e espaços de diversão noturna. Ambas as opções incluem transportes públicos.

Esta rota tem como objetivo requalificar o património existente, nomeadamente os moinhos, e dessa forma colocá-los ao serviço do turismo. Prevê-se que a rota aglomere uma grande diversidade de produtos turísticos do município de Vila Verde. Tal é essencial, já que os turistas são atualmente mais exigentes, procurando novas experiências, novas realidades e destinos que não estejam, na sua ótica, saturados. A procura do mundo rural é cada vez mais frequente, como forma de quebrar o quotidiano inerente ao mundo urbano.

Este último aspeto é um ponto essencial, porque os moinhos podem ser recuperados para habitação rural. Assim, conseguia-se integrar os turistas no turismo de natureza, envolvendo-os em paisagens naturais únicas, que lhes proporcionassem, de igual forma, momentos únicos de usufruto. Conseguíamos diversificar a oferta e, possivelmente, aumentar a procura, tornando o património no foco principal. Este aspeto pode ser apoiado pela ATAHCA, pela câmara municipal e por programas comunitários.

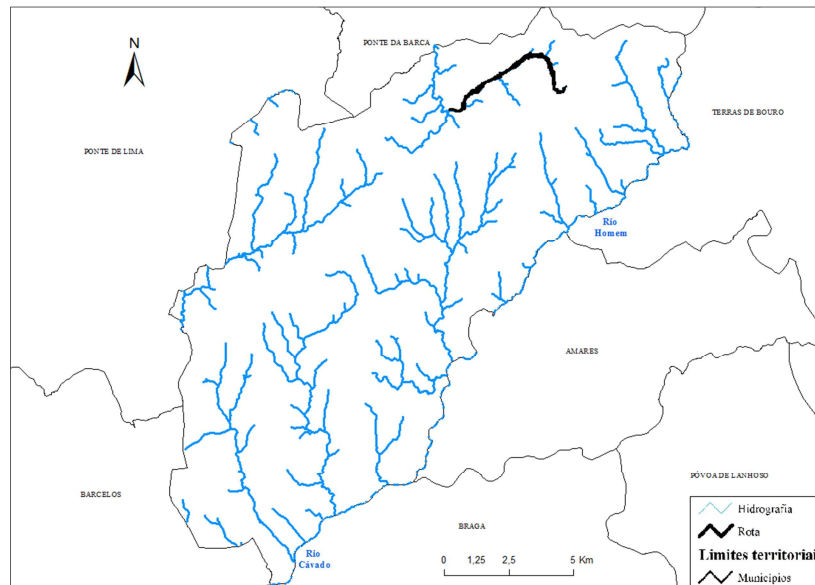


Figura 7 – Rede hidrográfica do município de Vila Verde
Fonte: elaboração própria com base em CAOP 2014 e Atlas do Ambiente.

Será, pois relevante dar continuidade aos moinhos que nos dias de hoje se encontram em funcionamento. O que também poderia ser gratificante para os moleiros responsáveis, era a venda da farinha para alguma indústria concelhia, tornando os moinhos economicamente sustentáveis, já que esta atividade se traduziria em lucro para os proprietários. Poderiam ainda ser mais atrativos se fossem integrados na rota e pudessem ser visitados pelos turistas.

Obviamente não podemos ter apenas em consideração os moinhos enquanto elemento isolado, mas também como promotores de saberes únicos que lhes estão associados (como são exemplo os materiais de moagem).

Dos 176 moinhos do município (ATAHCA, 2007) não se esperaria que todos fossem recuperados e incluídos na rota, já que teríamos de ter em conta o estado de conservação de cada um deles, sendo que se espera desta rota uma distribuição uniforme pelo território municipal. Na nossa perspetiva, é essencial que esta rota não se fixe apenas na vertente pedestre, mas inclua a utilização de automóvel e da bicicleta. Estas duas últimas formas de deslocação são viáveis e permitem complementar a rota, indo de encontro às diferentes posturas e perfis dos visitantes.

A tudo isto será importante acrescentar a gastronomia típica regional, valorizando o caldo verde, o cabrito no forno, o bacalhau à minhota e nas sobremesas a escolha poderá recair sobre o pudim Abade de Priscos, acompanhados pelo vinho verde.

Conclusão

A investigação realizada permitiu perceber a importância que a rota dos moinhos tem para o município de Vila Verde, quer a nível turístico quer a nível económico ou social.

Apurámos que o património etnológico, segundo dados da ATAHCA de 2007, engloba 176 moinhos, mas os dois inquiridos asseguram que esse número é mais significativo. Estes

elementos da paisagem, além de puderem surgir como produto turístico, também podem definir-se como fonte de rendimento (por exemplo, através da produção de energia) e não apenas como despesa para os proprietários, que muitas vezes são desconhecidos ou não são proprietários legalizados.

Importante também será referir o estado de conservação em que se encontram os moinhos, pois, se alguns deles estão em bom estado, razoável ou fraco, a grande maioria está em fase avançada de degradação, sendo classificados como em mau estado de conservação.

A investigação realizada até ao momento e que vai continuar a ser desenvolvida até inícios de 2017, revela aspetos inovadores que se centram no facto de ser uma rota estruturada e pensada de maneira a poder ser implementada no território em estudo.

Bibliografia

- CADIMA RIBEIRO, J., FREITAS, M. e MENDES R. (2001), *Turismo no espaço rural: uma digressão pelo tema a pretexto da situação e evolução do fenómeno em Portugal*. Desenvolvimento e Ruralidades no Espaço Europeu - Atas do VIII Encontro Nacional da APDR, Ed. APDR, Coimbra, pp. 329-341.
- Cisne, R., Gastal, S. (2010), *Turismo e sua história: discutindo periodizações*. Seminário de pesquisa em Turismo do Mercosul. Caxias do Sul, Brasil.
- CUNHA, L. (2009), *Introdução ao Turismo*. Editorial Verbo, 4.ª Edição. Lisboa.
- DURAND, J. (Coord.) (2004), *Vila Verde: Uma Etnografia no Presente*. Câmara Municipal de Vila Verde.
- GALHANO, F., (1978), *Moinhos e Azenhas de Portugal*. Associação Portuguesa dos Amigos dos Moinhos e Secretaria de Estado da Cultura. Lisboa.
- INE, I.P. (2012), *Censos da População 2011*. Lisboa.
- INE, I.P. (2014), *Estatísticas do Turismo 2013*. Lisboa.
- KASTENHOLZ, E. (1999), *Segmenting Tourism in Rural Areas: The case of North and Central Portugal*. Journal of Travel Research. 37, pp. 353-363.
- Lei de Bases da Política de Ordenamento do Território e Urbanismo (LBOTU), 1998. Lei n.º 48/98, de 11 de Agosto.
- MACEDO, R. (2010), *Análise construtiva de moinhos de vento e água para elaboração de recomendações para a sua reabilitação*. Dissertação apresentada à Universidade do Minho. Braga. 140 p.
- MARTINS, C. e SOUTO, S. (2001), *Rota dos Moinhos de Santa Isabel do Monte*. Câmara Municipal de Terras de Bouro e ATAHCA. Vila Verde.
- Ministério da Economia e Emprego (2012), *Plano Estratégico Nacional do turismo: Horizonte 2013-2015*. Lisboa.
- NEVES, A. (Coord.) (2008), *Estudo de Caracterização do Turismo no Espaço Rural e do Turismo de Natureza em Portugal*. Formiga Luminosa Construtora de Imagem. Lisboa.

PEREIRA, M. (2014), *Informação Geográfica e Realidade Aumentada em turismo: Guia interactivo do Caminho Português de Santiago em Barcelos*. Tese de Doutoramento em Direcção e Planificação em Turismo. Santiago de Compostela.

Resolução do Conselho de Ministros, nº 97/2003, de 1 de Agosto.

SILVANO, M. (2006), *O Turismo em áreas rurais como factor de desenvolvimento. O caso do Parque Natural de Montesinho*. Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro. Aveiro. 235 p.

VITORINO, M. (2012), *“Território, Molinologia e Turismo” – Dinamização dos moinhos na Promoção do Turismo*. Dissertação apresentada à Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar. Leiria. 146 p.

Webgrafia

www.cm-vilaverde.pt – acedido em dezembro de 2014.

<http://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/3718> - acedido em dezembro de 2015.

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.380785018639239.115886.149065925144484&type=3> – acedido em dezembro de 2015.

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.959292950788440.1073741969.149065925144484&type=3> – acedido em dezembro de 2015.